

An abstract painting by Sylvia Martins, featuring a dense, layered composition of organic, rounded shapes in shades of green, yellow, and blue. The forms overlap and blend, creating a rich, textured effect. The overall palette is dominated by earthy greens and yellows, with accents of deep blue and purple. The style is reminiscent of mid-century modern abstract art, with a focus on color and form over representational content.

SYLVIA MARTINS

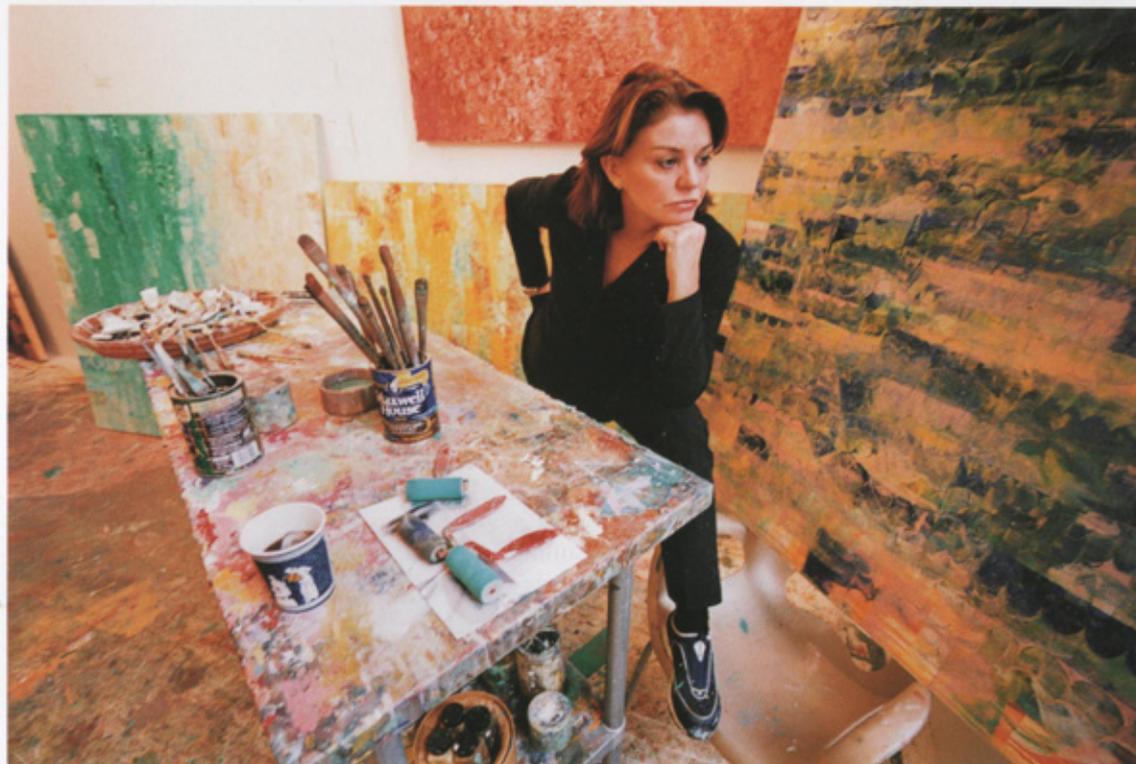
SYLVIA MARTINS

CACHOS
P I N T U R A S

maio - agosto 2004



MUSEU DE ARTE MODERNA DA BAHIA



© Foto: B. Hoene

A AVENTURA CROMÁTICA DE SYLVIA MARTINS

“A natureza discursiva da pintura é útil do ponto de vista da persuasão devido a que constitui uma rede de representações nunca concluída”.

Thomas Lawson

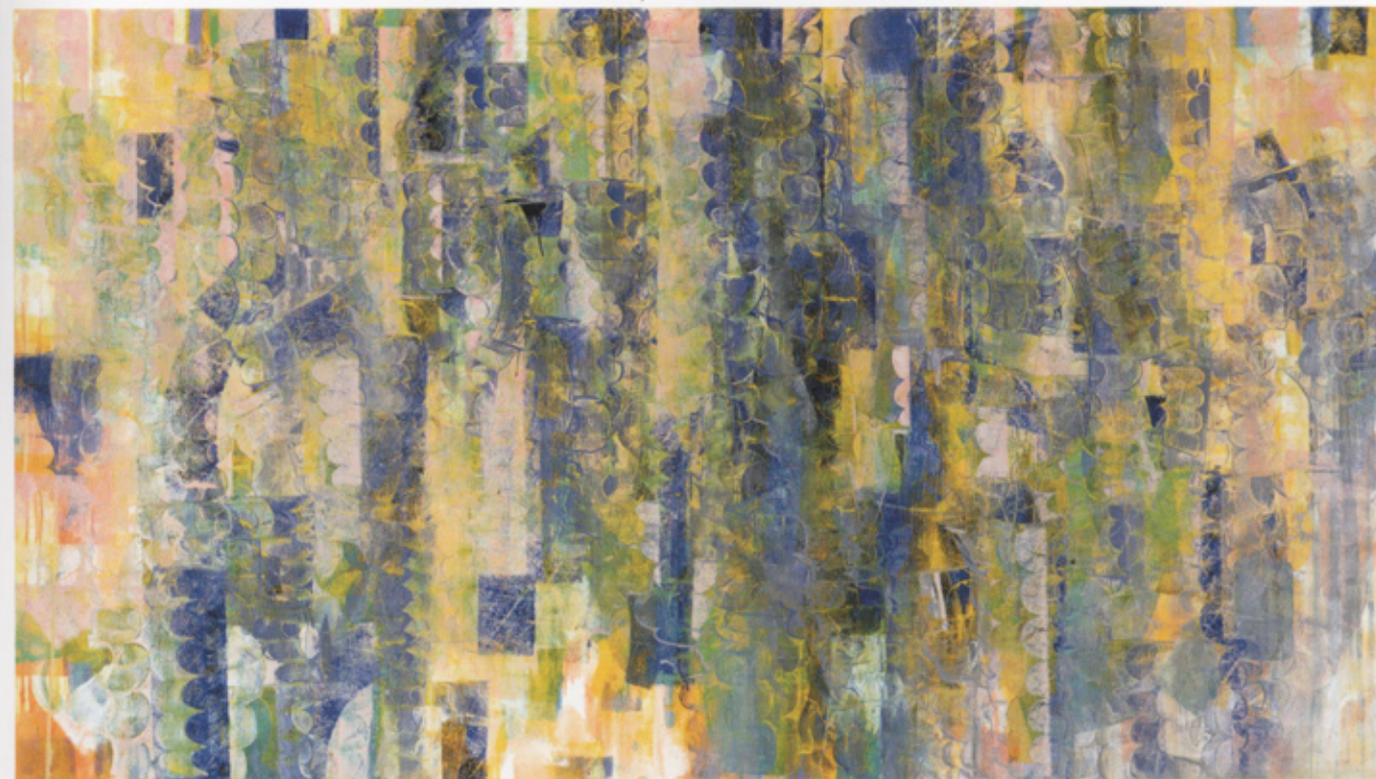
As cores ainda tem asas, voam, inauguram territórios visuais próprios, antes desconhecidos. O ponto de partida de qualquer quadro que pretenda ser verdadeiro é sempre esse, uma obrigação de ser uma festa para os olhos, como pedia Delacroix. No caso de Sylvia Martins nos encontramos com uma artista que é pintora-pintora, na medida em que estabelece seu discurso apaixonado independentemente do lado mórbido da época pós-moderna (que não parece afetá-la). Assim, no permanente desenho desta pintura habita uma possessão da matéria da cor, como um ímã de prazer visual. Há algo de evidente imersão nas telas de Sylvia Martins, uma pulsão gestual que não esconde a vibração interna –até um certo croscada vez mais manifestada pela textura de uma pintura espessa, com mais corpo, adensada. Na nova série Cachos, a textura se assemelha um pouco ao tramado de um tecido enganoso, aparentando muita tinta onde há sobretudo velocidade, ou um movimento que produz relevos. Não estaríamos então dentro de uma natureza morta, ou melhor, dentro de uma natureza selvagem? Assim as tramas, as cascatas, as camadas cruzadas de cores são toda uma floresta pictórica que pede sempre valentia no ataque à superfície. Um mergulho na superfície que continua sendo um atributo da pintura, o que produz uma certa vertigem na visão das telas.

Sylvia Martins parece ter aumentado a lente de seu olhar pictórico, o foco de sua atenção, para telas cada vez mais obcecadas com uma imagem matricial que se desenvolve como detalhes ampliados, multiplicados em composições onde a cor –as raízes plurais das cores– atinge sua trama compositiva em alianças tonais, arquitetadas em estruturas espaciais. Esta paulatina aproximação ao olho da pintura tem um elevado canto –uma alegria que raramente se encontra (como acontece também nas maravilhas afirmativas de Cícero Dias ou de Beatriz Milhazes). E talvez um ar de realismo mágico que só se encontra na pintura latino-americana da área hispânica. Aliás, pode-se dizer que o âmago desta pintura tem uma atração por uma imagética atávica a ser descoberta, cernes visuais de uma natureza quase arquetipal, às vezes de uma fractalidade que não chega a ser nunca inteiramente geométrica em seus reflexos. Toda a nova série de Cachos mostra esse itinerário onde a abstração chamada em sua aventura cromática expõe toda uma orquestração de cores (até de planos que querem ser verticais, que insinuarium um pós-cubismo latente, escondido no fundo), dentro de uma linguagem abstrata que não quer ser noturna, e sim diurna, solar, às vezes quente (daí que não seja nada estranho a presença quase onipotente do amarelo, de uma forma ou outra, e até com tons frios). Nas nervuras desta pintura de impulso lírico há uma fé cega na cor, em seu pathos de herança moderna. Talvez por isso a artista não saiba nunca o começo da tela, assim como nós também nunca saberemos onde de fato ela acaba.

Adolfo Montejo Navas
Rio de Janeiro, março, 2004

2. Cachos Celestiais, 2004

óleo sobre linho
100 x 183 cm



6. **Cachos Naturais**, 2004

óleo sobre linho
152 x 152 cm

